

VOZES DA RESISTÊNCIA NA REVISTA LUSO-FRANCESA AFINIDADES DURANTE O PERÍODO DA OCUPAÇÃO

Factores endógenos e exógenos, difíceis de determinar no seu grau de importância, explicam a atracção que a França, não enquanto entidade política, mas como pólo cultural, veio exercendo sobre a vida cultural portuguesa desde o século XVIII, sobretudo a partir do momento em que o secretário de D. João V verteu para português e fez representar no Teatro do Bairro Alto¹ a peça *George Dandin*, de Molière, que haveria de marcar o princípio de uma longa paixão lusa pelo figurino cultural francês. Ela coincidiu simultaneamente com os últimos surtos da influência cultural espanhola e italiana, até então dominantes na vida cultural portuguesa em geral e sobre a Corte em particular. No seu esforço permanente de manter a autonomia em relação à vizinha Castela, sempre expansionista, compreende-se a fobia ou a subalternização a que foi votada a cultura castelhana, embora ela encontrasse na Corte defensores de gabarito como o Marquês de Valença, que entendia ser o teatro espanhol mais defensável e perfeito do que o francês. Mas, já o mesmo não seria de esperar relativamente ao modelo cultural inglês, visto que uma política de tratados diplomáticos, geradores de dependência para com a Inglaterra, privilegiava teoricamente o mútuo relacionamento anglo-luso. Só que a tal convivência militar nunca correspondeu uma atracção pelo modelo cultural anglo-saxónico. Dir-se-ia, pelo contrário, que os acordos político-militares proteccionistas ingleses, em nome da salvaguarda da independência lusa, provocaram uma onda de fobia, que é comum a todas as épocas, sempre que um país livre fica militarmente ocupado por uma superpotência, exploradora implacável do seu protegido. Pelo que se segue um fenómeno de rejeição,

¹ BRITO, Ferreira de — *Nas Origens do Teatro Francês em Portugal*, Porto, Núcleo de Estudos Franceses da Universidade do Porto, 1989.

que não só impede as «afinidades» como provoca incompatibilidades invencíveis em termos de comportamento cultural. Não cremos, todavia, ter sido por fobia aos usurpadores (a qual culminou no *Ultimatum Inglês*, em que se condensaram todos os ódios contra a velha Aliada, momento de tensão acumulado contra a potência que, arbitrariamente e pelo uso da força, humilhara um povo pobre e desarmado) que o modelo cultural inglês não se aclimatou em Portugal. Não serão, é evidente, de minimizar as influências literárias de alguns escritores ingleses como Lord Byron, Walter Scott, Dickens, e outros, que os nossos exilados liberais conheceram em Inglaterra e divulgaram entre nós. A verdade, porém, é que o grande volume de influências determinantes da Cultura portuguesa desde o século XVIII, sem menosprezar as alemãs, se ficou a dever à França, ao que parece em virtude de uma idiossincrasia entre estes dois povos latinos. O expansionismo napoleónico com as suas invasões e pilhagens no território português foi em todo este longo processo o maior e o mais grave equívoco da Cultura francesa, orgulhosa já não do seu humanismo universalista que lhe conferia no concerto das nações uma superioridade cultural, mas da força das baionetas, destruindo assim a proverbial sociabilidade gaulesa. Eça de Queirós compreendeu melhor do que ninguém esta fobia aos ingleses e a paixão congénita assumida dos portugueses pela França². Bem pesados os factos históricos, as invasões napoleónicas não foram menos odiosas, em termos de autonomia política, do que a abusiva apropriação inglesa de uma parte substancial do Império luso africano. O acelerado afrancesamento de Portugal, de que Eça traçou um quadro caricatural³, ficará então a dever-se a uma idiossincrasia que nos impele irresistivelmente para o modelo cultural francês, em cujo espelho nos revemos? Eça não escamoteia a questão: «Mas pergunto eu, esta “colage” com a França, esta imitação, esta preocupação da França, é uma tendência fatal, necessária, de temperamento, de congeneridade, de similitude...?»⁴ A resposta queirosiana é negativa, porque, numa leitura linear, os traços antropológicos de um português e de um francês são manifestamente diferentes, mais contrastantes mesmo que os que distinguem um português de um castelhano. Como explicar então uma vaga tão funda de influências e imitações afrancesadas que desvitalizaram a génese e o desenvolvimento da Cultura original portuguesa de Quinhentos? Porquê

² QUEIRÓS, Eça de — *O Francesismo*, in «Artigos Diversos», Porto, Lello e Irmão Editores, vol. II, s.d., pp. 813-827.

³ *Idem, ibidem*.

⁴ *Idem*, p. 822.

esta submissão cultural colectiva tão empobrecedora de um povo de imaginação desabrida que se deixa modelar por um povo racionalista, de sorriso meio rabelaisiano, meio voltairiano? As confissões de devotamento à França são altissonantes, mau grado um coro de vozes discordantes que fulminam pela caricatura ou pela agressividade o macaqueamento cultural de França. Victor Hugo representou o ponto mais alto da paixão lusa pela França. A sua morte foi cantada como um acontecimento de incidências cósmicas. A frase pascaliana de que o coração tem razões que a razão não compreende também é aplicável nestas circunstâncias. A geração portuguesa mais consciente da necessidade da modernização de Portugal, a *Geração de 70*, liderada por Antero e radiografada pela lupa irónica de Eça, ao buscar uma afirmação cultural autónoma, limitou-se a constatar as causas da decadência dos povos peninsulares (o que já é brilhante como auto-análise crítica) e a procurar na Alemanha e na França novas formas de comportamento filosófico, poético e social. Mas seria a França que teve neste processo a parte de leão. Com o desaparecimento dessa última grande gestação de afrancesados, mesmo quando alguns dos seus membros combatiam pontualmente a imitação cultural acrítica e excessiva, o séc. XX representaria em Portugal um relativo distanciamento da França. O Saudosismo de *A Águia*, ainda que procurasse a portugalidade nas raízes matriciais do psiquismo luso, sempre continuou com os olhos postos em França, bebendo nessa fonte inesgotável. *Orpheu* assumirá uma consciência emancipativa em relação à França. Fernando Pessoa é o zénite de uma reflexão poética sobre a portugalidade tecida com uma originalidade tal que o transforma num dos poetas universais do seu tempo. A *Presença* afirmar-se-á ainda sob a auréola de Gide e de Proust. Jacinto do Prado Coelho é da opinião que no séc. XX as influências francesas decresceram a favor das marcas anglo-saxónicas e brasileiras, concluindo: «mesmo assim, a influência da cultura francesa (a que melhor conhece e aprecia o leitor médio) continuou a produzir-se em múltiplos sentidos»⁵. O Surrealismo deixaria marcas visíveis em Mário Cesariny e Carlos Queirós e o Existencialismo em Vergílio Ferreira. De qualquer modo, o neo-realismo português será a primeira grande corrente emancipalista portuguesa relativamente ao modelo cultural e literário francês, pois seguirá caminhos da renovação romanesca russos e brasileiros.

Seria, porém, neste contexto do surgimento do presencismo e do neo-realismo em Portugal (em que o romance português nada ficará a

⁵ *Dicionário de Literatura*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1969, vol. I, p. 481.

dever à França, se exceptuarmos talvez o ciclo romanesco de Malraux), que surge a revista luso-francesa, mais francesa que lusa, intitulada *Afinidades*. Ela aparece numa atmosfera sociopolítica desfavorável à França, já que o Salazarismo em marcha era discretamente pró-alemão. Mas, se a diplomacia política portuguesa era de hipócrita neutralidade, acabava por não ser capaz de esconder as suas preferências por Hitler e Mussolini, mais nos métodos do que na declaração de princípios. O povo português, esse mantinha toda a sua simpatia política e cultural pela França, se bem que a censura policial não lhe permitisse grandes devaneios. Ora, a revista *Afinidades*, foi, por opção dos seus redactores e com alguma passividade da política lisboeta entre 1940 e 46, um espaço de confessa francofilia, diria mesmo um espaço aberto da resistência francesa. Lionel de Roulet, seu primeiro responsável, logo na nota introdutória «A França através das Épocas» traça o seu programa, essencialmente diacrónico, sem a mínima alusão à tragédia da Ocupação já consumada. O longo itinerário multissecular a percorrer terá como objectivo descobrir ou redescobrir a «alma da França». Trata-se pois de um programa dissimulado sob a aparência de uma neutra diacronia que não suscitaria as questões candentes da História francesa mais recente, que poderia levantar dificuldades à diplomacia portuguesa pró-alemã e chocar com os filtros apertados da censura política. O título pretende estabelecer não uma influência, não uma imagologia, não uma «dependência» mas, isso sim, as «correspondências» mais fundas entre a alma portuguesa e alma francesa, numa hora muito dolorosa para a França, esmagada pela bota militarista teutónica. Uma segunda nota introdutória, não assinada, mas da responsabilidade da direcção de *Afinidades*, tenta inserir o seu projecto na luta contra a crise dos valores espirituais que o mundo atravessava e que se enquadra na «Política do Espírito» que António Ferro divulgará com todos os desmandos que ela permitiu na alegada defesa da chamada «civilização ocidental». Na opinião do redactor, «sempre houve profundas afinidades entre Portugal e a França. Pertencemos ao mesmo clima espiritual, o que faz que tanto um português em França como um francês em Portugal se sintam como em sua casa, na sua segunda pátria» (1, 1)⁵. Mas a dissimulação destas duas notas introdutórias, para despiste de eventuais proibições de circulação, logo se desagra. *Afinidades* na página 17 do seu primeiro número, depois de tecer

⁵ Nota: todas as citações de *Afinidades* remetem para o número e página respectiva. Como a maior parte dos seus números não tem data, não a indicamos.

algumas considerações históricas sobre o que Michelet chamou «Personne France», dá um passo de gigante, saltando para a actualidade com o título «A França de Hoje — testemunhos do nosso tempo» (1, 17-20), abrangendo no seu panorama geral os múltiplos domínios das artes, das letras, das ciências, da economia, da religião e da política. Redigida por colaboradores portugueses e franceses, estes últimos em tradução, no original ou então com textos bilingues, *Afinidades* afirmar-se-á paulatina e discretamente como uma voz moderada da francofonia e da francofilia durante um período de cerca de 5 anos tempestuosos da vida política internacional e de grande abatimento para a França. Não nos ocuparemos nesta revisão dos numerosos estudos diacrónicos, que abrangem os mais diversos ramos do Saber, fixando-nos tão somente, a título amostrativo, nos textos contemporâneos que focalizem a problemática específica da França ocupada. O primeiro texto a introduzir a actualidade é um excerto de Pierre Emmanuel, voz insuspeita em Lisboa, transcrito de *Cahiers du Sud*, com data de Janeiro de 1940. O seu forte espiritualismo cristão e o seu anti-marxismo combativo enquadravam-se perfeitamente com a trombeta lusa oficial: «O marxismo puro, como o Hegelianismo puro — é o mais gigantesco desafio que jamais foi lançado à natureza humana, por ser o mais absurdo, e a mais extraordinária tentação por ser a mais fácil» (1, 18). Aliás, toda a sua poesia, mesmo quando marcada pela Resistência, nunca perderia um intenso poder metaforizante que subtrai a força de um impacto político imediato. O seu poema «A Finibus Terrae», encenação da tragédia do Gólgota, em que «l'homme n'est plus qu'un songe oublié de Dieu même» (1, 25), abre a série das poesias da Resistência, que doravante estarão representadas em cada número de *Afinidades*. Em vez de altissonantes textos panfletários, esta revista preferiu, deste modo, até pela sua índole literária, os poemas de grande investimento metafórico, suficientemente claros, mas não demasiado agressivos. A poesia foi, aliás, o único género que nunca «colaborou», contrariamente ao teatro e ao romance, como nos casos de Giraudoux, Anouilh e Céline, respectivamente. O ciclo da Resistência pela poesia continua com um poema de Supervielle, que é o primeiro brado doloroso de protesto, que encena a tragédia da França:

«Comme du haut du ciel je regarde la France,
Ses villes et ses champs dans le fond de l'offense
Prisonniers de nos jours aux élans condamnés
Je vous regarde tous à vivre obstinés» (1, 27).

A poesia, que no dizer de Pierre Emmanuel é «uma das manifestações mais decisivas da liberdade do homem» (1, 18), suscita em *Afinidades* um movimento intencional de resistência à Ocupação e ao nazismo, sem precisar de nenhum manifesto político, pois sabia que dispunha de um público de gosto afrancesado em perfeita comunhão com a desgraça da França. Seguidamente, o director de *Afinidades* dá mais um passo qualitativo na escolha dos seus colaboradores e ousa publicar «La nuit de Dunkerque» do poeta comunista Louis Aragon, jornalista do *Humanité*, figura de proa da Resistência gaulesa. É estritamente nessa última dimensão que se insere o referido poema:

«Je crierai plus fort que les obus
Que ceux qui sont blessés et que ceux qui ont bu
(...)
Les soldats ont creusé des trous grandeur nature
Et semblent essayer l'ombre des sépultures» (1, 31).

Por sua vez, o artigo «A Escola de Paris no Século XX» (1, 43-49), da pena de Hélène de Beauvoir, pretende reafirmar a universalidade da pintura francesa contemporânea e faz passar a imagem de grandeza da arte francesa na diáspora, que não podia deixar de exprimir a nostalgia de Paris violada pela brutalidade do agressor, que impedia a eclosão dos seus génios. M. George, por seu turno, traça um balanço da música francesa na zona livre e na zona ocupada e da sua irradiação para países francófonos e francófilos, entre eles Portugal. E nesta visão abrangente da cultura francesa da época, não poderiam faltar algumas considerações sobre a arte cénica contemporânea. O artigo «Aspectos do Teatro Francês no século XX» (1, 54-55), em que o autor separa claramente o gosto do público alemão do público francês, dando o primeiro largo poder de intervenção ao “metteur en scène” em desvantagem nítida do poder do dramaturgo, enquanto o segundo, graças ao trabalho de grande mérito do “Quartel des Quatre”, tentava respeitar o texto dramático. Giraudoux, germanista por paixão e sombrio vaticinador da grande tragédia, forneceu a Louis Jouvet o elenco de peças que, escritas antes da Ocupação, pareciam anunciar a hecatombe: *Siegfried*, *Intermezzo*, *La guerre de Troie n'aura pas lieu*, *Electre*. As suas personagens, muito densas de dramaticidade, sentiam-se totalmente incapacitadas para esconjurar o trágico que pairava sobre a França e a Europa. Jean Giraudoux foi, de passagem, instrutor militar em Portugal, em 1916, mas tal ocorrência não parece ter deixado especiais

sequelas no seu espírito e na sua obra. A temática do teatro de Giraudoux não destoava na atmosfera de colaboração vigente. Morreu em 1944, antes que a os tribunais militares começassem a julgar os simpatizantes intelectuais do nazismo e os desprezíveis colaboracionistas. Informa ainda o referido artigo que Jouvét levou à cena a peça de Jules Romain, *Knoc*, escrita em 1924, personagem paranóica que prefigura, a considerável distância, o tenebroso Goebbels. Prossegue depois o primeiro número de *Afinidades* com um texto sobre o renascimento do catolicismo francês, «A Mocidade em França», que abre com uma epígrafe do marechal Pétain, em 25 de Junho de 1940: «Nós temos que restaurar a França... É para um ressurgimento intelectual e moral que vos convido. Franceses, fazei-o e vereis, posso jurá-lo, surgir do vosso ardor uma França nova!» (1, 62). Esta presença indirecta de Pétain constitui uma excepção, na medida em que não voltará a aparecer, interdito pela direcção da revista, que bem cedo e progressivamente, se inclinaria, sempre de modo velado, para a Resistência gaulista. Esse artigo apelativo à mocidade não vem assinado, mas indicia que *Afinidades*, numa primeira fase, aceitava como legítimo o Governo de Vichy e dava credibilidade ao seu líder carismático da Primeira Guerra Mundial, transformado em bode expiatório da Segunda. Por falta de indicação da fonte, não sabemos se tal artigo deve ser atribuído a um francês pétainista ou a algum português ainda siderado pelo velho mito glorioso do Marechal de 14-18. De qualquer modo, ele traduz da parte da direcção da revista que o aceitou uma hesitação momentânea sobre o melhor caminho a seguir na resistência ao inimigo. É ainda de salientar neste primeiro número o artigo «A moda após o armistício» (1, 66-68). A sua autora, de nome Chantal, assinala a destruição das linhas de produção da moda francesa por falta de lã e de seda, mas destaca o génio inventivo francês que, em compensação, criou os tecidos sintéticos que permitiram que a França continuasse a ser o país da elegância e da alta costura. Por sua vez, J. Magalhães confessa-se grande admirador da cultura francesa, porque, estando ela situada na encruzilhada Norte-Sul-Leste-Oeste, tornou-se o centro de convergência e de irradiação cultural por excelência em toda a Europa (1, 71), que ofuscaria de per si toda a supremacia militar alemã. Este número de *Afinidades* inclui ainda o artigo «A Civilização Ocidental — Europa-América ou América-Europa» (1, 76-80), que suscita um debate sobre a questão da futura hegemonia política, sublinhando que a civilização ocidental, de matriz mediterrânica, não encontraria noutras paragens geográficas as melhores condições para se manter fiel aos seus grandes princípios.

O n.º 2 de *Afinidades* irrompe com o poema de Éluard «Une seule pensée», que se tornou o grito mágico da resistência e a mais bela metaforização da busca obsessiva da Liberdade:

«Et par le pouvoir d'un mot
Je recommence ma vie
Je suis né pour te connaître
Pour te nommer

LIBERTÉ» (2, 23).

Inserido na mesma rubrica aglutinadora «Poemas do Tempo Presente», vem o poema de Louis Aragon, «Plainte pour la mort de madame Vittoria Colonna, Marquise de Pescara» (2, 25), em que o poeta, em tom plangente, chora com amargura a dupla perda:

«Rien ne pourra calmer ce pauvre coeur vieilli
Et ni d'avoir perdu Victoire et mon pays» (2, 25).

Mais adiante, o francófilo António de Sousa Gomes, na crónica da amizade luso-francesa, proclama generosamente a «missão espiritual da França» (2, 84-88), percorrendo o pensamento de Maritain e Bernanos e estabelecendo uma terapêutica para o após-guerra, mais desejado do que previsto: a eliminação dos conceitos de racismo e de supremacia étnica, tal e qual a preconizava e praticava o nazismo alemão. Em sua troca, avançava a necessidade de se implantar um novo humanismo, espiritualista e universalista (2, 86). Mais problemático é o texto intitulado «A lealdade portuguesa com a verdadeira França», que cita o diário *Sol* (6 de Nov. 1942): «Muito se calunia a França por se pretender julgá-la, no momento presente, através de certas manifestações ou certas atitudes isoladas de pretensas elites, esquecendo que a alma e o espírito de França, expressos na vontade colectiva da nação se não pode agora manifestar» (2, 89). E o comentarista Manuel Teixeira conclui: «prestando homenagem à França de Toulon e de Bir-Hakeim, a imprensa quis saudar para além das contingências históricas esta nação que nunca deixou de honrar a latitudinalidade ao longo da sua história» (2, 90). O que significa que em Portugal se distinguiu, já em 1942, de maneira bem nítida que a cooperação de Vichy com Hitler não passava de um equívoco histórico (ou estratégico?) que os tempos acabariam por repudiar, dado que não era verdadeiramente representativa da alma da França resistente.

O n.º 3 desta «revista de Cultura Luso-Francesa» abre com uma apelativa citação de Victor Hugo, que parece ter sido talhada para uma situação política que veio a decorrer cerca de cem anos mais tarde:

«...Ah! je voudrais.
Je voudrais n'être plus français pour pouvoir dire
Que je te choisis, France, et que dans ton martyr,
Je te proclame, toi que ronge le vautour,
Ma patrie et ma gloire, et mon unique amour!» (3, 2)

Identificado o «abutre» que rói as entranhas da França, *Afinidades* enche-se de coragem e põe em primeira linha o nome de Aragon com o seu poema «Complainte pour l'orgue de la Nouvelle Barbarie» (3, 4-9), extraído do livro *Crève-Coeur*, editado em Abril de 1941 pela Gallimard, mas cuja circulação foi proibida. Nada impediu que se reeditasse em Londres e que Casais Monteiro e Armand Guibert reproduzissem uma adaptação de uma das suas passagens mais significativas no *Diário Popular*, de 26 de Novembro de 1942.

«Minha pátria é como uma barca
que a marinagem desertou
e eu pareço esse monarca
mais desgraçado que a desgraça
mas que era rei da sua dor... » (3, 3).

Acentua a nota introdutória que a melopeia deste poema sugere musicalmente uma atmosfera de catástrofe colectiva, impotência e raiva. *Afinidades* proclamava pela boca de Aragon que uma nova barbárie alemã se abateu sobre a «doulce France».

Aos que viviam no exílio, não diríamos dourado, mas correndo apesar de tudo muito menos riscos do que os franceses que ficaram sob o Governo fantoche de Vichy, Aragon não esconde uma arrojada preferência:

«Mieux vaut cent fois chez soi crever
Que d'aller en terre étrangère
Mieux vaut la mort où vous vivez

Que d'aller en terre étrangère
Nous revenons nous revenons
Le coeur lourd la panse légère» (3, 6).

Depois desta ladainha exorcizante, vem a calhar novo texto de Saint-Exupéry, extraído de *Pilote de guerre* (1942). Na sua visão de espiritualista e humanista que procura ler fundo nos acontecimentos e nos homens que os encadeiam, escreve: «É preciso julgar a França pelo seu consentimento no sacrifício. A França aceitou a guerra contra a verdade dos lógicos. Eles diziam: Há oitenta milhões de Alemães. Não podemos fazer, dum ano para o outro, os quarenta milhões de Franceses que nos faltam. Não se pode mudar a nossa terra que dá trigo, em minas de carvão (...) Que vergonha há em ter uma terra que produz mais trigo do que máquinas e ter metade da população deles? Porque é que a vergonha cai sobre nós e não sobre o mundo?» (...) Eu recuso-me a ser julgado pela fealdade da derrota» (3, 25-26). Algumas páginas de A. de Sousa Gomes sobre «Maritain e o ideal heróico da amizade fraterna» retomam o tema da grande “débâcle”, que, em *À travers le désastre* (3, 32-37), o filósofo e sociólogo francês atribuiu à burguesia radical e reaccionária e a um socialismo e a um sindicalismo burocráticos que arruinaram as forças vivas da Nação. Num último relance sobre a Resistência neste número de *Afinidades*, vamos encontrar na «Crónica das Revistas» uma curiosa explicação sobre o surto de poesia no periodo de Ocupação. Cita-se um crítico inglês, Stephen Spender, que opinava em *France Libre* (15 de Abril de 1943) que há mais de um século a poesia estava em conflito com uma civilização fundada sobre valores comerciais, em que o poeta se sentia um ser à parte. Agora o poeta reconquistou com a sua voz apocalíptica um direito de cidadania, tornando-se em tempos catastróficos uma trombeta de esperança em perfeita sintonia moral com o seu povo (3, 72).

O n.º 4 estreia-se com nova citação de Victor Hugo: «Je ne puis que saigner? Tant que la France pleure...», de *L'Année Terrible*. Armand Guibert em «Poetas apocalípticos destes tempos» recorda Jean-Louis Jouve, La Tour du Pin e Pierre Emmanuel e explica este emergir da poesia como voz de ressurgimento colectivo: «O poeta — dir-se-me-á — beneficia de certa imunidade, devido ao insólito da expressão, ao hermetismo que amortece a sua eficácia e lhe vale a piedosa indulgência do censor» (4, 12-13). Esta poesia tinha uma função catártica e ao mesmo

tempo redentora, traduzindo em registos patéticos uma magoada angústia colectiva. E exemplifica com Pierre Emmanuel:

«Vous ne pouvez emprisonner la vision
vous ne pouvez empêcher l'arbre d'être libre»
(...)
«O mes frères dans les prisons vous êtes libres
libres les yeux brûlés les membres enchaînés
le visage troué les lèvres mutilées
vous êtes ces arbres violents et torturés
qui croissent plus puissants parce qu'on les émonde» (3, 14).

Vem depois um outro poema de Éluard, «La dernière nuit», extraído de *Poesie et Vérité* (1942), que se surpreende com o desconcerto total do tempo e do espaço em que vive:

«Ce petit monde meurtrier
Est orienté vers l'innocent
Lui ôte le pain de la bouche
Et donne sa maison au feu
Lui prend sa veste et ses souliers
Lui prend son temps et ses enfants» (4, 16).

Texto empolgante para as energias francesas desmoralizadas é o intitulado «Caçadores do Céu», que recorda um momento glorioso do 10 de Maio de 1940, em que uma esquadrilha francesa enfrentou heroicamente a aviação alemã. O general d'Harcourt comentara a propósito: «Não dependeu dela que os acontecimentos tivessem levado um rumo diferente». O artigo «Georges Bernanos, paladino da Verdade e da Honra» (4, 8-44), assinado por A. Sousa Gomes, refere o exílio do romancista no Brasil, recorda os seus livros *Nous autres Français* e *Lettres aux Anglais*, e transcreve uma parte da dedicatória ao seu filho e aos seus camaradas do exército da França livre «que acabarão a guerra, que os seus pais começaram, vingarão os mortos e... restaurarão a Ordem da Honra» (4, 38). Torna-se, portanto, cada vez mais apelativo e mesmo provocador o tom desta revista. Assim, em «Nouvelles de France», R. Lenoir esboça um quadro tétrico da França nos três primeiros anos da sua Ocupação. Ouçamo-lo, com solenidade: «Au bureau, à l'atelier, dans la rue, des hommes s'évanouissent de faiblesse. Ramenés chez eux, sans que des médecins

réduits à se déplacer en vélo puissent être d'aucun secours à des organismes minés par un état d'extrême consommation. Les travailleurs sont actuellement à 15 kg au-dessous de leur poids normal. (...) Les enfants maigrissent si régulièrement que les hernies sont généralisées. (...) L'enfant ronge ses ongles jusqu'au sang, mange les peaux; c'est l'indice d'une grave déminéralisation organique. La mémoire n'enregistre pas. Les rhumes de cerveau ne se guérissent pas. Ils traînent, dégènèrent en sinusites, otites, pleurites et souvent tuberculose» (4, 80). O articulista não vislumbra ainda o raiair de um tempo melhor, mas vaticina com o orgulho do vencido que sente do seu lado a força do direito e da moral: «Mais que ce soit dans le Stalag d'Allemagne ou dans la France occupée, les hommes qui survivront, quoique amoindris dans leurs corps, sortiront de l'épreuve avec une âme retrempee et, une fois de plus, apporteront à l'Europe et au monde, un potentiel moral et intellectuel d'où sortira un nouvel humanisme de demain» (4, 80). Um *In Memoriam* de comemoração do 11 de Novembro, que consagrara a vitória dos Aliados sobre os Alemães, proclama: «L'âme du peuple français, jamais n'a capitulé au cours de sa longue histoire et ne capitulera jamais. Cette fois encore il s'est trouvé un héros au nom symbolique pour maintenir bien haut ses couleurs. La France est et demeure un peuple d'hommes libres» (4, 81). Assim se vai avolumando, sem títulos de grande aparato, para não provocar os censores, o tom da voz emancipadora da Resistência, neste caso em Portugal. Ela não hesita mesmo em introduzir na sua secção de publicidade: «Oiça a voz de França por intermédio da B.B.C.», ao mesmo tempo que indicava os horários de emissão (4, 102). Nova rubrica sobre «A amizade pela França na imprensa» (4, 94-98) reafirma o que já tivemos oportunidade de salientar: «a França, um tanto afastada diplomaticamente, teve sempre o seu lugar especial no nosso coração» (4, 94).

O número 5 prossegue habilmente esta sua campanha, agora manifestamente ao lado de De Gaulle e com um esquecimento intencional de Vichy. Abre com uma epígrafe de Robespierre, que traduz de maneira exemplar a tragédia da França: «Oui, cette terre délicieuse que nous habitons, et que la nature caresse avec prédilection, est faite pour être le domaine de la liberté et du bonheur. (...) Heureux celui qui est né au milieu de toi! Plus heureux celui qui peut mourir pour ton bonheur!» (5, 3). Proclamação bem sonora que manifesta o crescimento progressivo da resistência à Ocupação castradora. Lionel de Roulet, primeiro motor desta revista, volta à carga com «França 1944». Aqui o jogo é escanca-

rado e o ódio ao invasor exprime-se sem comedimento, porque os franceses começam a aperceber-se das fraquezas do gigante inimigo: «É muito difícil, longe de França, imaginarmos as condições de vida e o estado de espírito da massa dos franceses. É evidente que não ignoramos o trabalho de resistência: os jornais clandestinos, as fábricas inutilizadas, os patriotas que defendem a vida nas montanhas da Sabóia. Estamos até ao corrente da existência das principais organizações e sabemos que elas agem sob a direcção de um comando comum» (5, 33). Considera, porém, o articulista bem informado sobre as redes de Resistência e seus métodos de funcionamento que só um artista poderia transmitir com fidelidade o risco total em que viviam os resistentes. Duas novelas aparecidas em *La France Libre*, *Ces-gens-là sont merveilleux* (Agosto de 43) e *L'exécution* (Novembro de 43) dão uma imagem dramática total da vida em França, em que a morte paira como um espectro em cada momento que passa. São convocados para esta dolorosa reflexão Malraux, Sartre e Camus. O remate é uma verdadeira e terrível sentença: «A Resistência é uma grande destruidora de homens. Mas tudo devemos esperar daqueles que sobreviverem» (5, 38). Era o tudo ou nada que levava os franceses a uma tomada de consciência cada vez mais aguda de recusa do jugo nazi. Georges Mounin exorciza o masoquismo dos vencidos para sublinhar: «Basta que se vençam os nossos carros e os nossos aviões, a nossa estratégia e a nossa tática; ninguém nos diz para professarmos que se venceu Gide e Mauriac, e Martin du Gard» (5, 46). Reaparece também Pierre Emmanuel com o poema «Jour de colère», gritando a liberdade espiritual dos franceses “ocupados”, num furor sagrado de protesto:

«Par-dessus les tyrans enrourés de mutisme
 il y a la nef silencieuse de vos mains
 par-dessus l'ordre dérisoire des tyrans
 il y a des nuées et des cieus vastes»
 (...)
 «il y a dans les tyrans une angoisse fatale
 qui est la liberté effroyable de Dieu» (5, 48).

Um dos textos mais provocatórios para os leitores portugueses (Adolfo Casais Monteiro e Gaspar Simões começaram por esta altura a colaborar em *Afinidades*) é o de Saint-Exupéry, transcrito da «Lettre à un otage» publicada na revista *L'Arche*, em Alger. Ele suscita a história da aparente neutralidade portuguesa na beligerância. Na sua ida aos Estados

Unidos, Saint-Exupéry passou por Lisboa e deixou-nos o seguinte testemunho: «Lisbonne m'est apparue comme une sorte de paradis clair et triste. On y parlait alors beaucoup d'une invasion imminente, et le Portugal se cramponnait à l'illusion de son bonheur. (...) Contre Lisbonne je sentais peser la nuit d'Europe habitée par des groupes errants de bombardiers, comme s'ils eussent de loin flairé ce trésor. Mais le Portugal ignorait l'appétit du monstre» (6, 44). Tendo-se estabelecido no Estoril, Saint-Exupéry pudera assistir à chegada dos cadillacs ao Casino, com damas cobertas de finas pérolas, que, de seguida, jogariam na roleta avultadas somas. O romancista exprime a sua repulsa perante tal exibição de emigrados de luxo que fugiram com jóias e capitais, recolhendo-se na paz podre de um sistema político cheio de flagrantes contradições. Estava, por conseguinte, criada a atmosfera por parte dos leitores para que Jean-Paul Sartre pudesse surgir nessa revista lisbonense. Lionel de Roulet, que apresenta sempre visões globais e sociologicamente integradas da literatura francesa mais recente, transcreve da revista *La France Libre* um comentário a *Les Mouches*, publicada na N.R.F., em 1942, e representada no teatro de la Cité no mesmo ano. Esta peça desenvolve uma discussão trágica sobre a liberdade ontológica e histórica ao mesmo tempo. E Roulet conclui: «Em Paris, sob a Ocupação, um filósofo francês e que além disso é um grande escritor, acaba de ajudar a ética do novo humanismo a dar um passo decisivo» (6, 95). Quarenta milhões de reféns, na expressão de Saint-Exupéry, começavam a acreditar no dia da Libertação final, mesmo que para tanto fosse necessário um novo apocalipse. *Afinidades*, com os olhos postos num dos países de quem se esperava uma ajuda definitiva para esmagar a supremacia alemã, dá um salto aos Estados Unidos, onde a revista *Renaissance*, pela pena de Alvim Johnson, tenta esclarecer os franceses que a hora não é de chauvinismo, porque a civilização ocidental acabava de se transformar em civilização mundial e em breve soaria a hora da emancipação definitiva, para se dar início a uma nova era de um novo humanismo, em que a França, consciência dos seus pergaminhos, teria um papel de relevo a desempenhar» 6, 96-100).

A epígrafe introdutória do n.º 7/8, do punho de Renan, prolonga o apelo a um ressurgimento colectivo da França: «Si le mal de la France venait d'un épuisement profond, il n'y aurait rien à faire; mais tel n'est pas le cas; les ressources sont immenses, il s'agit de les organiser» (7/8, 2). O poema «La Vierge de Paris», de Pierre-Jean Jouve, exprime, num lirismo comovente, toda a nostalgia de uma cidade ocupada, transfor-

mada em terra de exílio, aguardando, entre a esperança e o desespero, o milagre libertador:

«Combien de temps ô mère du Seigneur avant
Que ne revienne à ce vieux sol le fils en gloire
Que de travaux de pleurs combien de bâtiments
Pour que la rayon doux revienne à notre histoire» (7/8, 20).

Voz eclesiástica muito autorizada na época, J. Alves Correia reflecte sobre o comportamento dos cristãos franceses e sobre o que ele chama a «sociologia do espírito», não hesitando em denunciar os «traga-boches» de ontem, agora convertidos em «cooperacionistas ardentes» (7/8, 40). A sua simpatia pró-francesa transparece no texto, mas não poupa uma crítica ao chauvinismo gaulês e ao seu patriotismo exacerbado, contrapondo-lhe o humanismo integral aos verdadeiros cristãos, que, embora esmagados, se batiam pela dignidade e pela liberdade, mas sem a estulta arrogância dos que apregoavam: «La France au-dessus de tout». Entra depois em cena um articulista que assina Mercator a perorar sobre «Os problemas da França Libertada» e esboça em termos quantitativos o rol de catástrofes financeiras que arruinaram todo o sistema produtivo francês, vítima permanente da espoliação alemã (7/8, 91).

Os numeros 9/10 exprimem já a euforia da Libertação. Em vez de uma epígrafe, atropelam-se quatro, respectivamente de Michelet, Breton, Aragon e Maritain. *Afinidades* rompeu os diques da contenção. Soavam agora clarins orgulhosos de uma Resistência que desmoralizara pouco a pouco o inimigo, porque nenhum mal se instala definitivamente na História. Gustave Cohen, professor da Sorbonne e Director da Faculdade de Letras da Escola Livre dos Altos Estudos de Nova Iorque, em vez de um manifesto incendiário, optou por apresentar um artigo bem documentado sobre as «F.F.I. (Forces Françaises de l'Intérieur) — La Résistance par la Poésie» (9/10, 5-26), em que começa por aludir ao magnífico acolhimento que na hora da Ocupação lhe foi dispensado por Portugal, de que faz uma enternecida evocação, para logo se referir à «l'âme de la France crucifiée dans sa chair et torturée dans son esprit» (9/10, 6), que se exprimiu através dos seus poetas. O seu longo artigo retoma muitos dos textos anteriormente referenciados e remata com a ideia que presidiu, aliás, ao projecto de fundação de *Afinidades*: «la France vaincue a donné au monde une formule inédite d'une poésie de protestation contre l'oppression, rappelant

le peuple au combat pour le triomphe de la liberté dans l'art et de l'art dans la liberté» (9/10, 26). Segundo ele, Aragon, Pierre Emmanuel, Jouve e Éluard salvaram a França do desastre do esmagamento, do servilismo e da banalização. A confirmá-lo estão os versos de Aragon num incontido grito libertário:

«Rien n'a l'éclat de Paris dans la poudre
Rien n'est si pur que son front d'insurgé
(...)
Rien n'est si beau que ce Paris que j'ai
(...)
Paris Paris soi-même libéré» (9/10, 26)».

Gabriel Audísio colabora com o seu testemunho de «Recordações dum cativo na Prisão de Fresnes», em que analisa o abismo que separava um preso político de um encarcerado de delito comum e refere a pungente expectativa do dia final, em que os grilhões serão cortados (9/10, 28-30). Félix Monçay recorda as suas vivências de prisioneiro da cela 64 no Cherche-Midi. Descobre registos patéticos para contar a execução criminosa de cem reféns inocentes, os quais, sabendo que a morte os esperava na manhã seguinte, escreviam heroicamente nas paredes das celas: «Viva a França!», «Abaixo os boches!», «Vou morrer inocente!» (9/10, 32). Agora proliferam os textos sobre a vitória, pululam cartas de antigos Resistentes mortos ou sobreviventes. Como a carta do jovem Henri Féret, da juventude operária católica, fuzilado em 26 de Setembro de 1943, transcrita por Claude Roy no seu artigo «Vitória da Vontade». Ela termina assim: «Os vingadores, depois da morte, terão quem lhes suceda. Adeus, a morte chama-me. Não quero que me vendam os olhos nem liguem as mãos. Abraço-vos a todos. Apesar de tudo é duro morrer. Mil beijos. Viva a França» (9/10, 38). Um novo artigo, desta feita de Jean-Paul Sartre, desafia as «Espoirs et angoisses de l'insurrection» (9/10, 49) e regista as suas próprias experiências de Resistente, sobretudo os últimos momentos que precederam a libertação de Paris. Douglas Woodruff escreve não sobre os acontecimentos políticos da libertação, porque prefere situar-se numa reflexão cultural sobre «Paris, capital duma Civilização», destacando a sua Universidade, a Sorbonne, que ele considera ter sido um centro intelectual verdadeiramente universal. Preconiza ainda a necessidade de uma educação supranacional para evitar que a juventude viesse a recair no nacionalismo monolítico nazi. O artigo intitu-

lado «A Sorbonne contra o ocupante» revela ainda aspectos importantes da Resistência estudantil. Vendo os seus mestres presos, as aulas suspensas, a juventude intelectual de Paris resistiu pelos seus próprios meios à propaganda alemã (9/10, 79). Vem a seguir um artigo «Um livro acerca da Ressurreição de França». O comentarista sublinha que «*E ressurgiu das Trevas*» («*A verdade sobre a História de França 1940-44*», de Paul Teyssier), em tradução de F. V. Peixoto, foi lançado em Portugal, porque este país «constituiu, de facto, durante estes quatro anos um maravilhoso ponto de observação dos acontecimentos mundiais; muitas vezes, de Lisboa podia ter-se da política francesa uma vista de conjunto mais precisa e mais completa que de Paris, de Vichy, de Londres ou de Argel» (9/10, 95). O livro de Teyssier dá ao público português uma vista de conjunto que lhe faltava sobre a desagregação progressiva do Governo de Vichy, sobre a formação cada vez mais disciplinada do gaulismo aglutinador, sobre uma Resistência que não era formada por aventureiros isolados, mas que integrava uma rede montada com precisão, que desesperou os alemães e os levou a actos do mais histórico terrorismo em represálias de uma violência inaudita e desproporcionada como a de Oradour. Finalmente os portugueses como outros povos puderam dispor de um manual que permitiu rectificar juízos sobre a impensável libertação de Paris e da França. Os boches ocuparam um país, mas não ocuparam um povo de cultura inteligente e refinada.

O n.º 11 de *Afinidades* repete epicamente os ecos da euforia do número anterior. François Mauriac abre esse número com «Poètes de la Résistance», precedido de uma epígrafe, que desta vez não é um texto de um grande autor, mas um comentário crítico sobre o próprio trajecto da revista, a confirmar o que já por diversas vezes afirmámos, ou seja: *Afinidades* foi um espaço da Resistência francesa em Portugal num enquadramento político que lhe era desfavorável, mas, apesar disso, bastante permeável à mensagem pró-francesa, dadas as relações de empatia entre os dois povos. O “incipit” de Mauriac é esclarecedor: «La liberté! Il faut l'avoir perdue pour la connaître enfin et pour l'étreindre, cette amie, cette épouse dont aucune puissance au monde n'est capable de nous séparer. La liberté que le vainqueur croyait nous avoir ravie, elle s'est réfugiée au-dedans de nous» (11, 5). Trata-se, sem dúvida, de um texto canónico que consagra os poetas da Resistência espalhados muito para além da França, criando com os seus protestos, com a literalização contagiante das suas angústias e anseios, num povo açaimado pelo medo, um firme estado

de consciência de que o direito acabaria por triunfar sobre a força do Mal, incarnada em Hitler. A «Ballade de celui qui chanta dans les supplices» é mais uma amostra de como a poesia não foi um luxo aristocrático numa sociedade torturada com os mais sádicos processos que os Inquisidores medievais não foram capazes de inventar na sua cruel perversão, mas uma arma terrível de resistência moral e intelectual que confundia o inimigo:

«Je meurs et la France demeure
Mon amour et mon refus.
O mes amis, si je meurs,
Vous saurez pourquoi ce fut!» (11, 17).

Com uma direcção muito aberta às várias tendências artísticas e ideológicas, *Afinidades* incluiu na lista dos seus colaboradores o nome de Simone de Beauvoir, que então começava a emergir para a fama. Ela assina um pequeno artigo, «D'un nouvel humanisme français» (12, 5) que reflecte sobre o novo estatuto da linguagem. No período da Ocupação «une phrase pouvait conduire à la prison, à la déportation, à la mort» (12, 5). A literatura incarnava assim uma reacção de solidariedade mais ou menos camuflada, mais ou menos clandestina. A palavra assumira naquele contexto absurdo do inferno quotidiano das relações humanas entre a Colaboração por sobrevivência e a Resistência por heroísmo uma força inclemente e perigosa. Simone de Beauvoir com Sartre compreenderam-no melhor do que ninguém ao formularem a teoria do “engagement” do escritor embarcado na galera do seu tempo e incapaz de se abster e de se distrair em formalismos ociosos, quando o jogo da vida e da morte era absoluto e total. Aragon, com a sua «Chanson du Siège de la Rochelle», continuava a encontrar ressonâncias profundas numa França renascendo como Fénix das suas próprias cinzas:

«Nos soldats à La Rochelle
N'ont ni vestes ni souliers
Que vouliez-vous donc la belle
Qu'est-ce donc que vous vouliez
Des canons
Par centaines
Et des fusils par milliers» (12, 52).

De André Rousseaux, transcreve-se um texto tétrico: «A Tarde do massacre» (12, 60), que é um testemunho clamoroso do crime contra a humanidade que foi o genocídio de inocentes de Oradour. Bastaria esta página para que o nazismo hediondo encontrasse na História contemporânea a sua eterna condenação pela barbárie selvática, que ali cometera o mais horrendo holocausto de todos quantos ocorreram em território francês: o massacre total de uma vila com homens, mulheres e crianças inocentes. Fechadas estas últimas dentro de uma igreja, depois de todos os homens serem fuzilados, os boches, numa operação militar calculada ao mínimo pormenor, atearam as chamas para que nada restasse de uma terra e de uma população, genericamente acusada de resistência ao invasor. Recorda-se também neste n.º 12 o romance *A Queda de Paris*, de Ilya Ehrenbourg, comentado por Georges Magnane, que incide sobre o período conturbado da vida política francesa entre 1936-1940 e onde põe em acção vários tipos opostos de personagens: «financeiros tarados, jornalistas venais, estetas, políticos sem doutrina e sem fé», ao lado de outras personagens que manifestam a consciência da honra e da dignidade humanana. E, sempre na perspectiva continuada de sublinhar o eficaz e generoso contributo dos poetas de França naquela tarefa ingente de ressurgimento nacional, A. C., numa crítica à revista *Poésie 44*, escreve: «As dificuldades e agruras da luta para a libertação não impediram que os escritores franceses continuassem a sua actividade de resistência moral “no segredo” das prisões, na tortura dos campos de concentração, entre os “maquis”, ou em terras do ultramar. *Poésie 44* o atestaria, se outras provas não houvesse. O numero 21 traz até nós mais uma mensagem da nova França, que nas horas graves da sua vida encontrou na poesia uma arma de combate, pela qual exprimiu toda a sua sede de liberdade, de justiça, de renovação» (12, 75). E o autor de recensão crítica conclui: «Por estas páginas onde perpassa o espírito francês com todas as suas características, podemos ter a certeza de que a França estará presente, no mundo que se prepara, e continuará a sua missão de semeadora de ideias na vasta seara dos homens» (12, 75).

O n.º 13 de *Afinidades* abre com um artigo de Roger Caillois, «Un Message de la Résistance — le dernier roman d’André Malraux: La lutte avec l’Ange», que se inscreve na história, que se atrai e repele, das duas Grandes Guerras, ilustrando de modo exemplar a possibilidade da harmonização da liberdade com o compromisso. Vem depois, que não poderia faltar neste cortejo de resistentes, o poeta André Frénaud, evocando o seu

cativeiro concentracionário. Pierre Seghers abriu-lhe as portas em *Poésie* 43 num número consagrado aos poetas prisioneiros. *Afinidades* publica dois dos seus poemas, «Brandebourg» e «Le Beau Voyage» (13, 12-13), dois verdadeiros manifestos da mais inspirada poesia da Resistência. Léon Moussinac vem engrossar este desfile de vates com o poema «La Mort de Cance»:

«Des balles déchiraient l'air doux.
Ceux du maquis tenaient le coup.
(...)
Ne cessaient d'hurler les chiens
Ne cessaient de passer les Boches» (13, 26).

Junta-se-lhe de novo o “revolucionário” Éluard com «Les Armes de la douleur» (13, 44-47), que envolve o seu realismo evocativo no tecido metafórico dos três castelos («un pour la vie un pour la mort un pour l'amour») (13, 44), sem hesitar contudo em passar à descrição cruenta:

«Cet enfant aurait pu mentir
Et se sauver
(...)
On l'avait durement traité
Ses pieds ses mais étaient brisés
Dit le gardien du cimetière» (13, 45).

A mulher fora, sem dúvida, um dos elementos vitais da Resistência, embora talvez de um modo mais apagado e discreto, perdida na trágica decomposição da afetividade familiar, que a Ocupação provocara, com autênticos dramas domésticos de filhos do lado da Resistência e marido colaboracionista ou de marido resistente e filho(s) colaborador(es). A mulher francesa e sobretudo a mãe encontrava-se no epicentro do terramoto que varria a França. *Afinidades* não poderia esquecer que as mulheres foram pilares essenciais da Resistência: «Elles ont payé cher, d'ailleurs, ce noble titre, puisque des centaines d'entre elles ont été fusillées ou sont mortes d'épuisements et de tortures dans les enfers allemands» (14/15, 5). A afirmação pertence à Condessa Jean de Pange que no artigo «Les Femmes de Lettres dans la Résistance Française» destaca os papéis desempenhados com valentia pelas mulheres na Resistência. Elas foram agentes de ligação, mensageiras, guias, transportadoras de

armas escondidas, abastecedoras dos “maquisards” e dos proscritos escondidos. Elas tiveram mesmo a coragem máxima de irem para os “maquis” e para as barricadas. Jornalistas como Simone Ratel, Suzanne Normand, Denise Clairouin e várias outras distinguiram-se na Resistência não pela pena, mas desmultiplicando-se em muitas tarefas de grande risco. O seu acto mais nobre consistiu em resistirem à sedução que lhes era movida para escreverem em órgãos da Colaboração. Preferiram o silêncio à desonra. No que diz respeito às folhas clandestinas da Resistência, as mulheres participaram mais na difusão do que na redacção. Todavia, nas *Éditions de Minuit* escreveram várias mulheres usando pseudónimos protectores, entre as quais Elsa Triolet.

O número 16 de *Afinidades* traz a data de Fevereiro 1946, quando já estava claramente definido o quadro político europeu. A Resistência viera à luz do dia e reclamava os seus direitos à vingança. Curiosamente, mas cremos que por mero acidente do acaso, foi o n.º 16 desta revista que menos se ocupou da Resistencial/Libertação. Um texto sobre Albert Camus assinado por Violante Canto da Maia, «Albert Camus» é o seu título, percorre a obra daquele autor conotado com a literatura do absurdo, começando por afirmar: «Enquanto a França ia morrendo com a morte dos seus homens, das suas esperanças e do seu prestígio, ela renascia nos seus escritores. Revelaram-se homens, apareceram livros que, mesmo no quadro de uma desesperança metafísica, fazem-nos crer numa literatura e numa humanidade das quais nunca teríamos desejado que se duvidasse» (16, 44). Demasiado serena face a efervescência que reinava em França em ajustes de contas entre colaboracionistas e resistentes, em execuções sumárias ou em julgamentos de grande aparato como os de Pétain e Brasillac, *Afinidades* não deixa de publicar um artiguinho, «A Rádio na libertação de França», que arranca com uma declaração solene de ódio ao ex-Governo de Vichy: «Quando a França capitulou militarmente, em Junho de 1940, por intermédio do futuro odioso governo de Vichy, um frémito de angústia invadiu todos os Homens livres, que tinham posto as suas esperanças na Pátria dos Direitos do Homem» (16, 83). Juntamente com a Literatura da Resistência e apelando para ela nos seus noticiários, a Rádio clandestina foi a arma privilegiada da emancipação progressiva da consciência nacional francesa, à qual o autor, César Pacheco, rende as suas homenagens, destacando os nomes de alguns dos seus principais animadores técnicos, como Jean Guignebert e Pierre Crenesse.

Não poderiam faltar nesta amostragem dos poemas da Resistência os de Jean Cassou redigidos num presídio alemão. Já o n.º 11 desta revista

fizera a sua apresentação e publicara «deux sonnets écrits au secret». São quatro sonetos de comovido recorte lírico, em que o poeta, solitário e desprovido de todos os meios, a quem só restava a memória e o tempo, faz do exercício poético um acto de sobrevivência e de liberdade interior que as grades não podiam cercar (11, 24). E anota o apresentador: «se esperais do poeta a poesia das prisões ou a descrição da vida que aí se leva, ou ainda clamores como os que saem das ocultas masmorras, ficareis com estes sonetos nas mãos como as crianças com as belas conchas em que não sabem ouvir o murmúrio» (17, 6). Na pureza do seu interior, gigante moral que a violência da masmorra quer transformar em verme, Jean Cassou nos seus *Trente-Trois Sonnets composés au secret* (1944), prefaciados por Aragon, revela o seu humanismo e o seu patriotismo filtrados por uma filosofia do desnudamento, indispensável a todo o acto verdadeiramente poético:

«Errer dans ce lacs et délirer! O saintes
rêveries de la captivité. Les prisons
sont en moi mes prisonnières et dans l’empreinte
de mes profonds miroirs se font et se défont» (17,7).

Manuel Campos Lima em «Os Escritores em Duas Guerras» discorre pertinentemente sobre a situação do “clerc” que vivia na sua torre de marfim, procurando manter-se «au-dessus de la mêlée», para depois fazer emergir o escritor empenhado em mudar o mundo em que vive, comentando: «Se 1935 marca a primeira vitória do escritor, homem comum, sobre o escritor, homem de “élite”, 1945 assinala uma vitória definitiva. De novo, os fenómenos literários reflectem os fenómenos políticos sob a força do jogo complexo de acções e reacções» (17, 35). Estávamos em 1946 e a sociologia da Literatura viria a afirmar-se em breve como um domínio privilegiado da investigação literária.

O n.º 18 de *Afinidades* dá conta de «Une saison de théâtre français à Porto», representada pelos comediantes de Ribeirinho, sob o patrocínio do lusófilo Paul Teyssier, em que entre vários autores estrangeiros foram representadas as peças *Electre* de Jean Giraudoux e *Les mouches* de Jean-Paul Sartre, com enquadramentos ideológicos contraditórios, a confirmar que esta revista sempre quis manter-se acima da conturbada vida francesa do após-Libertação, numa postura pluralista de louvar, em época de grande intolerância revanchista entre franceses, como se já não lhes bastasse o longo pesadelo de 5 anos de Ocupação nazi.

O ciclo de *Afinidades* encerrou-se com os seus números 19/20, de Outubro/Novembro, 1946. Jean Gagé ainda relembrava em *La Vocation de Paris* que, sob a legenda «Fluctuat nec mergitur», Paris, espelho da França, protagonizava uma história de séculos de lutas pela Liberdade: «Tout ce patrimoine de gloires et de souffrances, et le sens profond de cette vocation, se sont retrouvés vivants chez les Parisiens, dans les journées d'août 1944. L'esprit des barricades a resurgi, et la plus sainte et légitime insurrection de la liberté — contre l'envahisseur — a fait de Paris, plus partaitement qu'en aucune occasion du passé, du peuple de Paris, le soldat de toute France» (19/20, 19).

Em toda esta crise, o povo português, com condicionamentos de índole política hostis à sua simpática solidariedade com a França sofredora, permitiu que *Afinidades* percorresse, sem grandes traumas, tanto quanto podemos julgar por uma crítica interna, o seu trajecto emancipador até 1946. Se se tornou evidente pela perspectiva da análise que adoptamos que esta revista visou fundamentalmente converter-se, primeiro num espaço da resistência aos alemães, segundo num foco de resistência a Vichy colaboracionista, não é menos verdade que as suas páginas se abriram de par em par aos presencialistas e neo-realistas portugueses e a um vasto leque de escritores franceses de diversas orientações ideológicas. Num espaço político dito de neutralidade beligerante, a França, concertando vozes de lusitanistas, de poetas, ensaístas e romancistas lusos e franceses, criou na elite do público português a quem se destinava, através da sua rede de ensino do francês nos Institutos bem frequentados de Lisboa e Porto, um frémio de incondicional simpatia pela França representada pelas suas vozes mais vibrantes — as dos Poetas da Resistência, verdadeiros arautos da Liberdade, perdida e reencontrada.

A. Ferreira de Brito